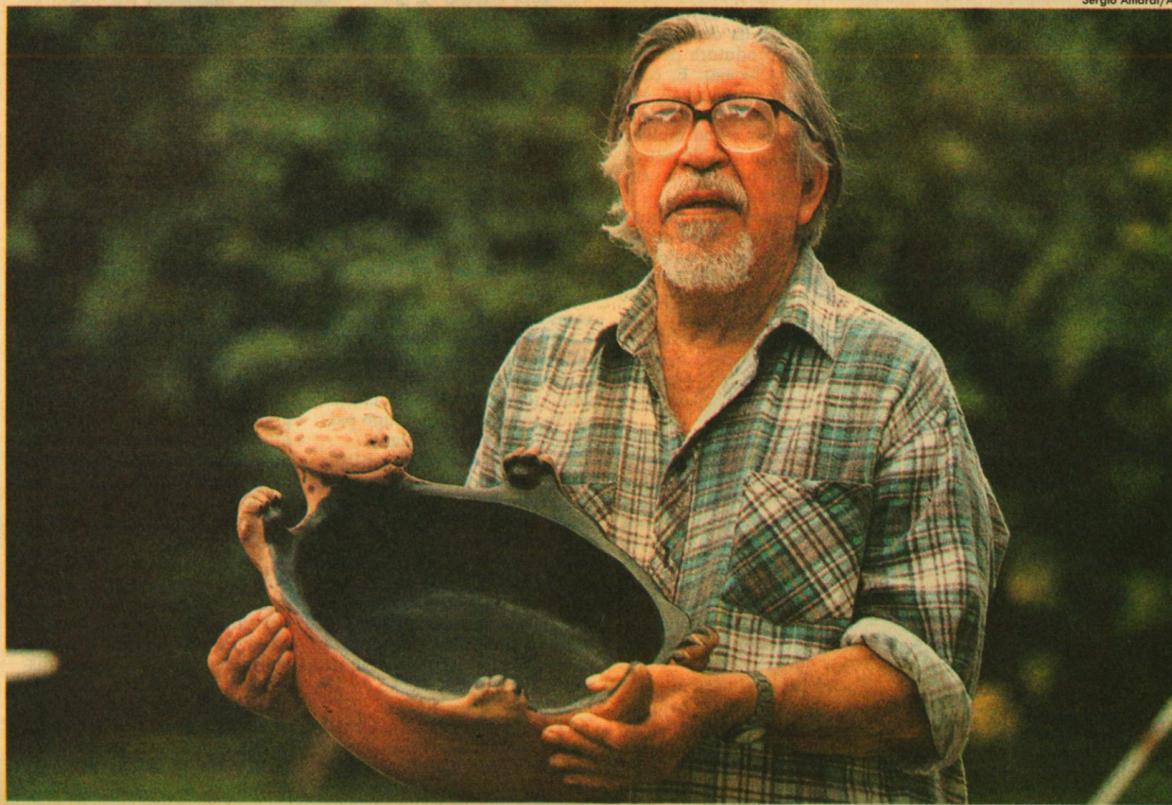


O GUARDIÃO DO CACHIMBO DA PAZ

AOS 83 ANOS, O SERTANISTA ORLANDO VILLAS BÔAS, QUE PASSOU MAIS DA METADE DA VIDA NA SELVA TENTANDO CONHECER E PROTEGER A POPULAÇÃO INDÍGENA, DIZ QUE DENTRO DE 30 ANOS A CULTURA DOS ÍNDIOS VAI ESTAR TOTALMENTE DESAPARECIDA

Rodrigo Arco e Flexa, especial para o JT

Sérgio Amaral/AE



Orlando Villas Bôas: projeto de dois livros com pitorescos casos da vida nas tribos

No dia 12 de janeiro o sertanista Orlando Villas Bôas completou 83 anos. Forte e falante, ele é personagem vivo de uma parte da história brasileira deste século. Protagonista, com seus dois irmãos (Cláudio e Leonardo), de uma saga de mais de 45 anos de trilhas e lutas no meio das florestas do Brasil Central. Os Villas Bôas foram os líderes da Expedição Roncador-Xingu, criada pelo governo Getúlio Vargas no início da década de 40, com o objetivo de desbravar o interior do país. Sairam de Uberlândia, cidade conhecida como a "boca do sertão", em direção ao oeste. "Não sabíamos o que iríamos encontrar", lembra o mais velho dos Villas Bôas (Cláudio está com 78 anos, e Leonardo morreu em 1962, vítima de uma miocardite, depois de sofrer de inúmeras doenças tropicais).

De facão em punho, eles partiram pela mata, à frente de um grupo de sertanejos, cada um deles com muitas mortes nas costas. Percorrendo milhares de quilômetros de picadas e rios, nas condições mais adversas, eles travaram contato com dezenas de tribos indígenas não conhecidas. "O nosso grande feito foi convencer o sertanejo de que nós éramos os invasores da área do índio, que não tínhamos o direito de atirar nele", orgulha-se Orlando.

Muitas vilas e cidades acabaram por nascer no rastro da expedição. A maior obra que ela gerou, entretanto, foi a constituição do Parque Nacional do Xingu, em 1961. Atualmente com uma área de 3,276 milhões de hectares, a reserva abriga 16 diferentes etnias que reúnem cerca de quatro mil indígenas.

Os dois irmãos Villas Bôas voltaram para São Paulo em meados da década passada. "Meus dois filhos tinham de ir para a escola", conta Orlando, que há 27 anos vive com sua mulher, Marina. Esporadicamente, ele visita o parque. Mas, mesmo à distância, ele mantém contato com o povo que adotou, por telefone e fax.

O *Jornal da Tarde* conversou com Orlando Villas Bôas em sua casa, no Alto da Lapa. Em meio a dezenas de objetos trazidos da selva, que se espalham por todos os cômodos, ele percorre as trilhas de sua memória, lembrando dos casos vividos no sertão. Quando indagado sobre o futuro dos habitantes das florestas, entretanto, Orlando não economiza palavras. "O índio em seu estado puro irá desaparecer".

Jornal da Tarde — Como está o Parque do Xingu atualmente?

Orlando Villas Bôas — O Parque do Xingu é a única reserva de índios ainda em estado de cultura pura, falando os quatro troncos lingüísticos, mais cinco ou seis línguas isoladas. Nós conseguimos manter o parque com rigidez total. Instruímos os índios. A gente diz para os índios: "Se por acaso houver invasão, vocês vão até lá e pedem para eles que saiam. Se não saírem, vocês voltem três dias depois e peçam para eles que saiam. No quarto dia, se os invasores não saírem, briguem com eles." E os índios perguntavam o que fazer se eles tiverem armas. Eu respondia: "Levem também, se não eles vão destruir a sua família, a sua casa e roubar a sua terra."

O parque tem convivido com o problema de invasões e poluição das águas. Como o senhor vê isso?

É um absurdo, a Funai teria de cobrir isso. Não há razão para acontecer. A invasão não está muito ativa, os índios não deixam. O que é necessário é uma administração ferrenha. A Funai é o órgão do governo federal encarregado de exercer a tutela do índio. Mas o governo não dá recursos. A Funai é uma entidade pobre, os seus recursos são pequenos, e não dá para exercer com plenitude a tutela do índio. Então o índio sai de suas áreas para procurar fora aquilo que naturalmente deveria ter. Como toda criatura, ele quer conhecer coisas novas. E quando o índio regressa traz uma doença que a tribo desconhece. Quando nós entregamos o parque, não havia lá um doente, um tuberculoso. Hoje a Escola Paulista de Medicina registra 70 casos de tuberculose. O Xingu ainda vive graças à presença do médico da Escola Paulista de Medicina. Em 1966 nós assinamos um convênio com a escola que está em vigor até hoje.

Há quanto tempo o senhor está afastado do Xingu?

Tenho afastado esporadicamente. Mas estou voltando há mais ou menos uns dez anos. A política que nós implantamos no parque era rigorosa, o índio não abandonava a área, e o Xingu não recebia visitas, a não ser de pessoas credenciadas por grandes universidades. Nós tínhamos lá pesquisadores de quase o mundo todo, americanos, alemães, franceses, ingleses e espanhóis. Grandes pesquisadores, como Claude Lévi-Strauss.

Por que o Parque do Xingu atraiu tanta atenção?

O índio era uma incógnita. O índio que a sociedade conhecia era aquele que havia abandonado as áreas indígenas. Mas no contato com uma sociedade mais forte o índio se descaracteriza. Nós entramos em contato com o índio em estado de cultura pura. Existia aquela velha impressão de que o índio era um bicho, de que ia andar pela mata matando e destruindo, mas nós começamos a mostrar como sua sociedade era organizada, que ela nos dava uma lição extraordinária. Eu nunca vi um índio dizer não para uma criança. Se um menino de quatro ou cinco anos faz uma coisa que o pai não gosta, ele não grita como nós gritamos. O índio apenas pega a criança e a põe em outro lugar. Nós mostramos à sociedade brasileira que o índio não era um ser que andava matando. É claro que na periferia da grande floresta o índio reagia contra a invasão.

O senhor e seus irmãos foram os responsáveis pela aproximação pacífica com diversas tribos. Como era feito isso?

Com o índio arreado, se você fizer um gesto brusco está liquidado. O índio está bravo com você, com o arco e flecha, você fala, oh, o que é isso, e baixa a mão devagarinho, fala baixo, não grita. Ai ele começa a ter confiança em você. A tranquilidade é a principal arma no contato com o índio arreado. Isso aprendemos com o tempo. Quando entramos na área avante, eles nos atacaram 18 vezes e nós nunca demos um tiro.

Nessa hora, como era possível segurar os homens da expedição?

Do Rio das Mortes em diante nós tivemos de contratar garimpeiros para a expedição. Eles eram considerados, naquela época, os homens mais lei do Brasil Central. Do nosso pessoal, um já tinha matado 28 pessoas, outro 23, outro 16, o mais humilhado era o Antenor, que só tinha oito mortes. E nossa expedição era paramilitar, cada trabalhador recebia um mosquetão do Exército com 50 tiros. O nosso grande feito foi convencer o sertanejo de que nós éramos os invasores da área do índio, que não tínhamos o direito de atirar contra eles. Toda noite a gente reunia os trabalhadores em volta do fogo e ficava conversando, contando história da carochinha, doutrinando eles, ou melhor, despertando uma coisa que nós não sabíamos que eles tinham incutido, que era o respeito e a ética. O garimpeiro matava porque as contingências do garimpo o obrigavam a matar. Ele elimina aquele sujeito porque sua alma não se dá com a dele.

Como os Villas Bôas conseguiram

impor sua orientação à Expedição Roncador-Xingu?

Quando estávamos em Xavantina, o governador do estado ia mandar um destacamento de 12 soldados para fazer a boca-de-lança da expedição. Eles chamavam de limpar o caminho. Limpar o caminho era enfrentar o índio a tiros. Nessa ocasião nós estávamos recebendo uma visita em Xavantina de um dos mais importantes jornalistas do Brasil, Costa Rego, que era diretor do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Pedi para ele enviar uma carta minha ao Marechal Rondon, que estava no Rio. Eu escrevia alertando que a expedição Roncador-Xingu, que ia entrar na área indígena do Rio Roncador, ia ter uma ponta-de-lança militar para tirotear o índio. Rondon tinha um prestígio muito grande no Exército, e conseguimos impedir isso. Em Xavantina fomos comunicados que não existia mais a frente militar. E como não havia mais soldados, os três irmãos Villas Bôas deveriam ir na vanguarda da expedição.

O que o senhor destaca na figura do marechal Rondon?

Eu tenho cartas do marechal Rondon escritas a mão, coisa que ele não fazia para ninguém. Ele assinava "amigo agradecido". O marechal Rondon foi considerado o maior humanista deste século. O Rondon trouxe a ideia de que o índio era uma criatura que merecia o maior respeito. O Serviço de Proteção ao Índio foi criado por ele em 1910. O Rondon foi a maior arma que o índio teve contra aqueles que não o respeitavam.

Sua história pessoal faz parte da história deste País. Como o senhor se sente em relação a isso?

Nós tivemos a oportunidade de viver com uma parte do Brasil que era considerada o limite do Brasil civilizado. Uberlândia era chamada de boca do sertão. Do Araguaia em diante era o Brasil desconhecido. Era o que as cartas geográficas mostravam como áreas em branco. Do Rio das Mortes para lá ninguém imaginava o que existia. Pensava-se que eram áreas desabitadas. Quando, em 1941, Getúlio Vargas sobrevoou o Araguaia, disse estar horrorizado com o vazio do Brasil Central. Naquele tempo você levava de Uberlândia até a margem do Araguaia de três a quatro dias. Era uma estradinha vagabunda. Hoje você sai de Uberlândia e com três horas está no rio Araguaia.

Em uma reportagem publicada pelo 'Estado', no ano passado, um índio do Xingu diz que os Villas Bôas os traíram. Como o senhor recebeu isso?

O vocabulário do índio é diferente. O traído deles quer dizer que nós os abandonamos, fomos embora. Quando os índios dizem que os Villas Bôas traíram é porque fomos embora. Eles choram até hoje. O Raoni, do beijo de pau, quando liga para cá de Brasília, chora. O índio que falou isso, ele chora que o Orlando traiu a gente, foi embora e a gente ficou.

Qual é o futuro do índio no Brasil?

Não tem. O próprio índio hoje está traçando o seu futuro, embora a gente perceba que a triilha que ele está seguindo é o fim da sua etnia. Mas você não pode obrigar o índio a permanecer dentro das suas reservas. Nós sabemos de antemão que isso seria a solução para a continuidade de sua etnia. Mas toda criatura tem o direito de traçar o seu destino, assim a nossa intervenção deve ser muito limitada. Você não pode proibir o índio de participar de uma sociedade estranha. Se ele quer participar, ele tem de pagar o ônus, é o destino dos povos. Assim, as perspectivas de a gente tem em relação ao índio não são das mais saudáveis.

Quanto tempo os índios têm ainda?

Com essa aproximação que ele está tendo do civilizado, acho que mais 30 anos. Podemos ter remanescentes indígenas, mas com hábitos civilizados, vivendo na periferia. Não na periferia da aldeia, mas na das nossas civilizações. Eu não tenho dúvida de que isso vai acontecer. Isso é mais rápido do que a gente pode pensar.

Isso é muito dolorido para o senhor?

É uma loucura, porque nós sabemos que dentro do estado da cultura deles, seus valores essenciais, eles vivem magnificamente bem. Eu dava um presente grande a qualquer visita, qualquer antropólogo ou jornalista que me trouxesse um índio magro. Dava um colar de caramujo, que é caríssimo, leva um ano para ser feito. Nunca conseguimos encontrar um índio magro, carente. Mas em contato com a sociedade ele fica sob o tácio das condições econômicas da área em que está vivendo. Ai o índio começa a sofrer, passar fome, morrer de fome.

E o Parque do Xingu, qual será o seu futuro?

Enquanto os índios resistirem, o

mem sai com a mulher todas as tardes para pegar lenha. Ele corta a lenha, faz o feixe de lenha, mas quem leva a lenha é a mulher, porque aquilo já é o fogo e quem aquece a casa é a mulher. O homem planta algodão, a mulher colhe o algodão, quem transporta o algodão é a menina. É um troço fantástico e não se discute. Essa distribuição de trabalho é que mantém o equilíbrio da família e da tribo.

O que levou o senhor a voltar para São Paulo?

Meus dois meninos. Um nasceu lá e o outro estava na idade de escola. Ai eu sabia que eles tinham de sobreviver aqui. O mais velho, o Vilinha, fez Direito, História, e está entrando na pós-graduação. O magrinho, Noel, faz Filosofia e Antropologia.

Existe alguma triilha que o senhor ainda gostaria de desbravar?

Não, eu já estou velho. Fiz 83 anos no dia 12 de janeiro. De vez em quando o pé incha e não quer desinchar, o nariz tapa e não quer destapar. O meu irmão Cláudio, que é mais moço do que eu, está quase condenado. Não fala, não tem ânimo para coisa nenhuma, passa o dia inteiro olhando para o pé. Ele está com os médicos da Escola Paulista de Medicina, amigos nossos, faz exames e eles não encontram nada. O que o Cláudio pode fazer? Mas ainda tem muita coisa a ser vista e a ser feita. Claro que eu gostaria, se tivesse tempo, dinheiro e um pouco de saúde, porque agora a gente já tem um certo receio de ir até uma serra perto da Bahia, onde foram encontrados hieroglifos muito bonitos. Gostaria de fazer algumas viagens pelo interior. Agora estava com vontade de ir até Xavantina, que vimos nascer. Mas também estou amarrado com o livro que estou escrevendo.

Sobre o que é o livro?

A editora Globo vai lançar o *Almanaque do Sertão*. O livro não tem compromisso com narrativa. Eu conto quatro ou cinco histórias e o resto é tópico, tudo o que a gente viu e falou do sertão. Visitantes, sertanejos, bichos, índios. Conversa de sertanejo, cultura do índio, como a rixa entre o genro e a sogra. Entre os índios a sogra não pode jamais falar com o genro. Porque a filha dela é a sua mãe que está voltando. A avó está na neta, o avô no neto. A índia diz que não pode conversar com o genro porque ele está tendo relações com a sua mãe, então não pode ter intimidade com ele.

Outros projetos?

A Globo também me pediu um outro livro, sobre a cultura não material do índio, a pajelança dos índios. Um livro que eu comecei na semana passada e já está com vinte páginas. Ele vai se chamar *Arte dos Pajés*, tem histórias fantásticas.

O senhor poderia contar uma delas?

Uma vez eu e o Cláudio ficamos isolados. Não podíamos pescar porque o índio tomava conta do pesqueiro. Não podíamos caçar porque era área de campo. A gente estava na frente do rancho quando apareceu, a uma distância de 70 ou 80 metros, uma mancha marrom. Corremos lá e era um veado com o casco machucado. Falei para o Cláudio que podíamos matar e comer o veado. O Cláudio disse que tinha dó. Tratamos dele, fizemos uma padiola e o levamos até o córrego. Demos água e o pusemos na sombra. Deixamos o veado e, quando voltamos, ele tinha sumido. Não entendemos. Se fosse uma onça a gente tinha visto, sucuri não era porque ela deixa rastro. Durante dez dias não pensamos em outra coisa. Cinco meses depois conhecemos um pajé de olho esbugalhado. Um índio velho, com duas mãos na cabeça, que olhava para o chão. Quando sentamos na sua frente ele olhou para mim e o Cláudio e abaixou a cabeça de novo. Dai falou que os índios crenacore (*os índios gigantes*) nunca iriam nos matar. Perguntamos por quê. O índio disse que os dois brancos não mataram o veado no campo. Ficamos pensando até que o Cláudio lembrou, não matamos o veadinho. Mas por que os crenacore não iam nos matar? O velho disse que o bicho de que cuidamos não era um veado, era o pajé crenacore. Como você vai duvidar de um negócio desses? Mas o índio não conta isso como sobrenatural, porque o sobrenatural participa do seu cotidiano.

O que o senhor poderia dizer sobre a cultura que desapareceu?

Ele não pode prever. Se você pegar um índio qualquer e oferecer a ele uma coisa que ele realmente goste, ele abandona mulher, abandona filho, abandona aldeia. Porque ele é ele, não tem nada a ver com os outros. Ele não ensina coisas que se ensinam na nossa sociedade, como laços de família. Não tem nada a ver uma coisa com outra. A criatura é estanque dentro da sociedade. É como se fosse uma coisa, um grão no meio de um saço. Não tem essa coisa de ajuda mútua. Se um índio está com fome os outros morrem de rir. Se está com fome é porque não plantou. Então por que não vai para o mato e caça? Todas as soluções eles têm. Mas a solução é dele, individual. Se pedir o índio dá, mas o índio não pede.

O que o branco deveria aprender com o índio?

O entendimento social. Nós moramos 45 anos com os índios, mas eu nunca vi um deles dar um tapa em outro. Nem um índio discutir com outro, nem a mãe puxar a orelha da filha, nem o pai dar um coquequinho na cabeça do filho. Nem o marido discutir com a mulher. O que é função de um não é função de outro. O homem arranca a mandioca, isso é sua função. Mas carregar a mandioca é função da mulher, porque ai ela já é alimento, e quem prepara o alimento é a mulher. O ho-

O que mais o senhor gostaria de falar?

Lembrar que se houve povo injustiçado no nosso País ele foi o índio. Os índios nos deram um continente para que nós o transformássemos em uma nação. O Brasil tem uma dívida para com os índios, e essa dívida não está sendo paga. Para ela ser paga bastava que nós dessemos força e seguissemos à risca o que determina o texto constitucional: a defesa do índio na assistência, no usufruto da terra que ocupa e defesa da sua cultura.